

Imprensa Operária em Sergipe (1891-1930)¹

Antônio Fernando de Araujo Sá²

192



A história da classe operária em Sergipe não tem sido um dos temas prediletos das jovens gerações de historiadores, talvez motivada pela dificuldade de acesso à documentação referente às suas ideias e ações ou mesmo pela perda da influência desse sujeito histórico na sociedade brasileira contemporânea. As dissertações de mestrado realizadas no âmbito da Universidade Federal de Sergipe poderiam contribuir para a revisão da história operária no Brasil para além das pesquisas produzidas no eixo Rio de Janeiro e São Paulo, revelando as continuidades e descontinuidades regionais do movimento operário com relação aos paradigmas dessa historiografia hegemônica. Desde a década de 1980, essa proposta tem revelado tanto a fragilidade do movimento frente ao caráter eminentemente rural da sociedade brasileira nos primórdios da República, quanto à pluralidade ideológica na formulação de táticas e estratégias pela hegemonia no movimento operário³.

Até então, a diversidade de táticas e estratégias do movimento operário era obliterada pela hegemonia anarco-sindicalista, num primeiro momento, e do comunismo, num segundo, que predeterminava uma consciência política ideal, “transformando a classe operária na classe responsável pela redefinição radical da sociedade”⁴.

1 Resenha do livro de Ibarê Dantas. *Imprensa Operária em Sergipe (1891-1930)*. Aracaju: Editora Criação, 2016.

2 Doutor em História. Professor da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: afsa@ufs.br

3 HARDMAN, Francisco F. & LEONARDI, Victor. *História da Indústria e do Trabalho no Brasil (das origens aos anos 20)*. São Paulo: Global, 1982; REZENDE, Antônio Paulo. *História do Movimento Operário no Brasil*. São Paulo: Ática, 1986 (Coleção Princípios); PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. Cruzando fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira. In: ARAÚJO, Ângela M. C. (org.). *Trabalho, cultura e cidadania*. São Paulo: Scritta, 1997; BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. Uma outra consciência de classe? O sindicalismo reformista na Primeira República. In: *Ciências Sociais Hoje, 1990*. São Paulo: Vértice/ANPOCS, 1990

4 REZENDE, Antônio Paulo. Op.cit., p. 7.

É em continuidade a essa revisão historiográfica que o livro de Ibarê Dantas deve ser inserido e valorizado, por tratar, de forma pioneira, das ações de grupos reformistas e evolucionistas vinculados ao socialismo em Sergipe, que se colocavam no interior da classe operária na organização de sindicatos, greves e da participação eleitoral e parlamentar. Aliás, esse pioneirismo foi mencionado no início dos anos 1980⁵, mas a demora em publicá-lo trouxe certo descompasso com a bibliografia sobre o sindicalismo reformista na Primeira República, por conta de outras prioridades intelectuais.

Num contexto de pouca influência política dos setores médios e dos trabalhadores urbanos e rurais no conjunto da sociedade sergipana, dominada por classes dominantes pouco afeitas aos direitos sociais e hegemônicas pelos senhores do açúcar, o registro da imprensa operária torna-se fundamental para compreendermos a emergência de uma consciência de classe, pautada nos limites do sindicalismo reformista de combate aos males do capitalismo. Nesse aspecto, contraditoriamente, o livro reproduz o paradigma dominante do movimento operário ao tentar encontrar, no jornal *O Operário* (1891), ideais anarquistas de Pierre-Joseph Proudhon, quando o material remete mais ao reformismo operário de amplo espectro ideológico. O mesmo acontece com a análise dos exemplares do ano 1896, inspirado “certamente” no mutualismo proudhoniano⁶. Mesmo que algumas ideias esparsas do anarquismo pudessem estar presentes, de modo geral os artigos dos jornais vinculam-se ao reformismo operário, um mosaico contraditório de influências das ideias socialistas, positivistas e evolucionistas, como pode ser verificado na reprodução de artigos do jornal *Questão Social*, de Santos (SP), que tinha como um dos redatores o médico sergipano Silvério Fontes.

Para Astrogildo Pereira, este médico pode ser considerado “o primeiro socialista brasileiro de tendência marxista”, e que sua cidade de nascimento foi Aracaju, quando outras fontes sugerem a cidade de São Cristóvão, como é o caso de Armindo Guaraná. Essa ideia foi incorporada à bibliografia consultada pelo autor (Evaristo de Moraes Filho, Gisálio Cerqueira Filho, Vamireh Chacon e John W. F. Dulles) sem o devido cuidado da pesquisa documental. Leandro Konder sugere que o quinzenário liderado pelo médico sergipano desfraldava a “bandeira do coletivismo reformista”, distanciando-se da perspectiva marxista revolucionária⁷.

Numa conjuntura de refluxo do movimento operário no Brasil, no período de 1910-1911, esse viés se manifestava no jornal *O Operário* com a adesão às iniciativas do governo Hermes da Fonseca, ainda que, nos

5 LEONARDI & HARDMANN. Op. cit., p. 315.

6 DANTAS, Ibarê. Op. cit., p. 42.

7 KONDER, Leandro. *A derrota da dialética; A recepção das ideias de Marx no Brasil, até o começo dos anos 30*. 2ª. Edição. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 111-112.



primeiros números, ecoasse certo radicalismo nos artigos escritos por Luiz José da Costa Filho. Essa aproximação foi patrocinada pelo advogado sergipano Deodato Maia, que propôs a regulamentação do trabalho de menores e mulheres, além da criação de um Departamento do Trabalho. Essa tentativa de instrumentalização política de associações proletárias por parte de Mário Hermes se materializou no 4º Congresso Operário, realizado no Palácio Monroe, com a simpatia do Centro Operário Sergipano, mas foi duramente criticada pelos anarquistas, destacando-se o trabalho do militante Henrique Martins⁸.

Em Sergipe, o amadurecimento da consciência de classe no operariado deu-se por volta da década de 1910 a partir de iniciativas que resultaram na criação do Centro Operário, da Escola Horácio Hora e a intensificação da defesa dos direitos operários, como registrada n' *O Operário* (1915-1916). Neste período são denunciados os acidentes de trabalho e a carência de assistência aos acidentados, o espancamento de um operário na fábrica Passagem, pressões dos diretores da fábrica Santa Cruz e a atitude autoritária do coronel Sabino Ribeiro ante as reivindicações dos estivadores. Esse registro demonstra a possibilidade de que a consciência de classe se forjasse também por meio de organizações políticas, como as sociedades de auxílio mútuo, sindicatos ou partidos políticos, com o objetivo de remediar os males do capitalismo e não destruí-lo⁹.

Sob a influência da Primeira Guerra Mundial, que agravou as condições de vida e trabalho da classe operária, e o processo revolucionário desencadeado com a revolução russa de 1917, há um novo período de mobilização operária no Brasil entre 1917 e 1920. Entretanto, em Sergipe, há certo distanciamento das ações mais efetivas do movimento operário, como foi registrada na pouca repercussão no Centro Operário da convocação de Florentino Menezes de apoio à greve de julho de 1917, em São Paulo¹⁰.

Na década de 1920, quando é criado o jornal *Voz do Operário*, temos uma conjuntura desfavorável do movimento operário no Brasil, marcada pela crise econômica, a forte repressão policial e uma nova legislação repressiva. Em Sergipe, ao contrário, o início dessa década foi marcado pelo aprofundamento das atividades do Centro Operário com a expansão para o interior do estado e o florescimento de associações por ofício, como a União dos Estivadores, criada em 1916, a União dos Padeiros e a União Defensora dos Operários Ferroviários. A liderança mais efetiva era Antônio Siqueira Alves e o jornal contava com a colaboração de intelectuais como Clodomir Silva.

Todavia, as contradições do sindicalismo reformista em Sergipe evidenciaram-se, nas eleições de 1922, por intermédio da exortação de João

8 PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. Op. cit., p. 95.

9 BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. Op. cit., 124-125.

10 DANTAS, Ibarê. Op. cit., p. 122-123.



Alfredo, importante liderança operária, ao nome de Deodato Maia para deputado federal, como “amigo dos operários”, ou a adesão à candidatura de Júlio Prestes e Vital Soares em 1929, que reiterava um caráter conservador às lideranças operárias no estado de Sergipe num momento decisivo da luta de classes.

De todo modo, o reformismo sindical sergipano nos anos 1920 trouxe algumas vitórias, como na greve no segundo semestre de 1921 pela redução da jornada de trabalho. Entretanto, a repressão desencadeada pela agressão a um contramestre da Sergipe Industrial, em março de 1922, resultou num refluxo político do Centro Operário, com a intimidação aos líderes por parte de homens armados no interior das fábricas. Como no restante do país, somente no final desta década há uma retomada acanhada deste núcleo operário com a aproximação às ideias do Partido Comunista Brasileiro, ainda que não haja, até o momento, notícia de uma célula partidária organizada em Sergipe até 1930.

As contradições inerentes à falta de coesão ideológica no movimento operário em Sergipe ao longo da Primeira República, resultante da adesão consciente aos valores dominantes, talvez possam ser explicadas pela ausência da grande indústria e a modesta dimensão dos núcleos operários militantes, que forçaram aos seus militantes a uma postura próxima do *trade-unionismo*.

As limitações aqui apontadas, de modo algum, deixam de relevar a contribuição do autor para a história social em Sergipe, principalmente pelas novas possibilidades de leitura do movimento operário, que, apesar de indicadas no texto, não foram suficientemente desenvolvidas, como foi o caso da forte presença feminina na composição da classe operária e mesmo na diretoria do Centro Operário ou da participação de intelectuais na luta pelos direitos operários. Como foi apontado pelo eminente historiador sergipano, “muitas interrogações ficaram sem respostas”. Cabe às novas gerações de historiadores a tarefa de trazê-las a lume.

